



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

FACULDADE UNB DE PLANALTINA – FUP

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC

**MITOS E LENDAS NA COMUNIDADE DIADEMA, TERESINA-GO:
APONTAMENTOS PARA O TRABALHO NA ESCOLA DO CAMPO, EM LÍNGUA
PORTUGUESA DO 2º ANO.**

MARIA DIVINA FARIAS DOS SANTOS

PLANALTINA – DF

2015

MARIA DIVINA FARIAS DOS SANTOS

**MITOS E LENDAS NA COMUNIDADE DIADEMA, TERESINA-GO:
APONTAMENTOS PARA O TRABALHO NA ESCOLA DO CAMPO EM LINGUA
PORTUGUESA DO 2º ANO.**

Monografia apresentada à Faculdade UnB de Planaltina – FUP/UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva.

PLANALTINA – DF

2015

Santos, Maria Divina Farias dos. Mitos e lendas na comunidade Diadema, Teresina– Goiás: apontamentos de trabalho para a escola do campo de língua Portuguesa 2º ano . Planaltina - DF. 2015. 40 p.

Monografia – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília.

Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Orientadora: Dr^a. Regina Coelly Fernandes Saraiva.

- 1.metodologia da pesquisa
2. Conhecimento tradicional, mitos e lendas
3. Mitos e lendas e lendas na comunidade Kalunga Diadema e a Escola do Campo. Escola do Campo e o trabalho com mitos e alguns apontamentos: de trabalho para a escola do campo de língua Portuguesa 2º ano

MARIA DIVINA FARIAS DOS SANTOS

**MITOS E LENDAS NA COMUNIDADE DIADEMA, TERESINA-GO:
APONTAMENTOS PARA O TRABALHO NA ESCOLA DO CAMPO EM
LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º ANO.**

Monografia apresentada à Faculdade UnB de Planaltina – FUP/UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens, defendida e aprovada em dez de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Regina Coelly F. Saraiva – Universidade de Brasília (UnB)

(orientadora)

Prof. Dr. Djiby Mane – Universidade de Brasília (UnB)

(Examinador Interno)

Profa. Dra. Olgamir Amancia Ferreira - Universidade de Brasília (UnB)

(Examinadora Interna)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por, ser meu maior ajudador;
Aos meus filhos: Patrícia, Emersom, Clarice e Samuel, pela compreensão;
Ao meu companheiro Nilson e ao meu primo Ismael pela compreensão e por ter me incentivado nesta minha caminhada;

À minha querida orientadora, Regina Coelly, pela paciência, compreensão e dedicação;

Aos meus familiares, irmãos em Cristo, professores e colegas, que sempre me apoiaram e me deram forças para prosseguir durante esta trajetória.

AGRADECIMENTOS

Obrigada Deus, pela minha vida, pela vida dos meus filhos e da minha família; obrigada por ter me escolhido para fazer a diferença no meio dos meus, sendo assim um instrumento de superação e de estímulo para todos aqueles que acreditaram e, também aos que não acreditam, na minha capacidade de vencer.

Aos meus pais.

Aos meus irmãos.

Aos meus amigos, e aos irmãos em cristo.

Aos agentes de saúde, Juraci e Sivaldo.

À professora Regina Coelly, não só por ter sido a minha orientadora, mas por ter sido uma professora ótima, que me fez perceber o quanto é importante conhecer e valorizar a minha própria história.

À Banca Examinadora do projeto de qualificação.

Aos professores da Banca Examinadora do TCC final.

Ao corpo docente da LEDOC.

Aos amigos colaboradores da ciranda infantil da LEdoC: Tiago, Maristela, Dinair, Jaine Liliane, Tallita e Luciene, pela colaboração da ciranda.

A todos que direto e indiretamente participaram das minhas conquistas.

Aos que contribuíram com o meu trabalho, dedicando seu tempo para colaborar comigo para a realização deste trabalho, em especial à minha mãe, Telcina Farias, e à minha sogra, Benedita.

À Escola Municipal Tia Adesuita e ao Colégio Estadual Joaquim de Sousa Fagundes, por me ceder espaço para a realização das atividades de Tempo Comunidade.

A todos os colegas das turmas 2, 3, 4, 5, 6 e 7, principalmente às minhas colegas Cassia, Cristiane, Lourdes e Esterina.

Ao PIBID/MEC, pelo apoio financeiro, pois sem a ajuda não teria conseguido.

A todos, muito obrigada.

LISTA DE ABREVIATURAS

AQK	Associação Quilombo Kalunga.
ASKADIA	Associação dos Pequenos Agricultores Kalunga do Assentamento Diadema.
DF	Distrito Federal.
FUP	Faculdade UnB de Planaltina.
GO	Goiás
LEdoC	Licenciatura em Educação do Campo.
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência.
TC	Tempo Comunidade
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso.
TE	Tempo Escola
TU	Tempo Universidade
UNB	Universidade de Brasília

RESUMO

O estudo sobre *mitos e lendas na comunidade Diadema, Teresina-GO: apontamentos para o trabalho na escola do campo* têm como objetivo principal compreender a diversidade cultural do nosso povo, já que a comunidade apresenta uma visão particular e uma especificidade de vivência que contribuem para a valorização e preservação da sua cultura. Objetivamos, ainda, refletir sobre as potencialidades didáticas da utilização de mitos e lendas no processo de ensino e aprendizagem da história. Apresenta, antes de qualquer outra abordagem, uma clarificação dos conceitos de “mito” e “lenda”. Esta conceituação é essencial, pois a diversidade de conceitos que gravitam em torno das chamadas “narrativas ficcionais ou maravilhosas” é grande, e a teia conceitual, complexa. A importância deste trabalho se reflete em discutir sobre o reconhecimento do aluno como sujeito cultural, considerando o lugar de suas vivências no contexto escolar. Além disso, a pesquisa contribui com uma reflexão sobre determinados conhecimentos que mostram a forma como poder, as relações de interesse e, também, o mercado, presentes na esfera educacional. Metodologicamente, este trabalho adotou o tipo de pesquisa etnográfica. Na pesquisa etnográfica, o pesquisador faz uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista intensiva e análise de documentos. Atualmente, utilizamos a palavra “mito” para designar um conjunto muito amplo de fenômenos e ideias, assistindo-se, de certa forma, a uma banalização do termo. Diante disso, resulta-se uma dificuldade concreta em definir o que é o “mito” e aponta-se a necessidade de enquadrá-lo enquanto narração, isto é, gênero da literatura oral e/ou escrita que se debruça sobre o homem e o mundo.

Palavras-chave: Mitos. Lendas. Kalunga. Diadema. Escola.

ABSTRACT

The study of myths and legends in the diadem community, Teresina-GO: notes for work in the field school have as main objective to understand the cultural diversity of our people, as the community has a particular vision and a specificity of experience contributing to the appreciation and preservation of their culture and still reflect on the didactic potential of the use of myths and legends in the teaching and learning of history requires, before any other approach, clarification of the concepts of "myth" and "legend". This clarification is essential because of the diversity of concepts that gravitate around the so-called "fictional narratives or wonderful" is great and the conceptual web, complex. The importance of this work is reflected in discussing the recognition of the student as a cultural subject, considering the place of their experiences in the school context and reflect on certain knowledge that show how power relations of interest and also the market interfere in the educational sphere. Methodologically, this paper adopted the kind of ethnographic research. Ethnographic research in the researcher makes use of techniques that are traditionally associated with ethnography, ie, participant observation intensive interview and document analysis. Currently, we use the word "myth" to describe a very wide range of phenomena and ideas, watching is somehow a trivialization of the term. It follows a real difficulty in defining what is a "myth" and the need for the frame while narration, that is, the oral literature gender and / or writing which focuses on man and the world.

Keywords: Myths. Legends. Kalunga. Diadem. School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	14
1.0 METODOLOGIA DA PESQUISA	14
1.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	14
1.2 POPULAÇÃO.....	15
1.3 AMOSTRAS.....	16
1.4 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS	17
1.5 PROCEDIMENTOS PARA AS COLETAS DE DADOS.....	17
1.6 ANÁLISE DE DADOS	17
CAPÍTULO 2	21
2.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
CAPÍTULO 3	27
3.0 MITOS E LENDAS NA COMUNIDADE KALUNGA DIADEMA E A ESCOLA DO CAMPO	27
3.1. ESCOLA DO CAMPO E O TRABALHO COM MITOS E LENDAS: ALGUNS APONTAMENTOS.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE	40

INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa sobre os mitos e lendas na comunidade Diadema, Teresina-GO: apontamentos para o trabalho na Escola do Campo, em Língua Portuguesa, no 2º ano do Ensino Fundamental, circunstanciando-se em um contexto mais amplo de discussões e debates.

Diadema é uma comunidade quilombola Kalunga que faz parte da bacia hidrográfica de Tocantins. Em seu território estão presentes o Rio Paranã, o Ribeirão dos Bois, o córregos Água Fria, Caiçara e Picada. O clima, nesse território, está inserido em uma zona de transição entre os domínios dos climas semiáridos; onde as chuvas se concentram no período de novembro a março. A vegetação predominante na comunidade é o Cerrado, intercalado de matas residuais com ocorrência de cerradão, com uma exuberância de fauna e flora.

A comunidade Diadema está situada a 45 km da cidade de Teresina de Goiás, localizada ao lado da GO 118. A comunidade é constituída por cento e trinta e cinco famílias, as quais são compostas por Kalungas que residem ali desde o processo de resistência à escravidão. É formada por pessoas unidas por laços de parentesco. Esta comunidade está organizada em três associações como a Associação dos Pequenos Agricultores Kalunga do Assentamento Diadema (ASKADIA) e a Associação Quilombo Kalunga (AQK) que envolve os três municípios: Teresina de Goiás, Monte Alegre e Cavalcante Goiás.

Diadema recebeu este nome devido a uma planta chamada “Caneladema” (Canela de Ema), que os moradores usavam para acender fogo no fogão de lenha, na época de chuva.

O povo Kalunga é originalmente formado por descendentes de escravos que fugiram do cativeiro e organizaram um Quilombo, há mais de duzentos anos, na região da Chapada dos Veadeiros. Os Kalungas têm a mesma ascendência, como destaca Oliveira (2006, p. 15):

Os moradores das duas partes do Kalunga, goiano e tocantinense, possuem a mesma origem histórica, viveram o mesmo processo de ocupação e resistência, praticam o mesmo estilo de vida, cultuam as mesmas tradições religiosas e culturais e descendem de troncos familiares comuns.

Os negros se organizaram e formaram o maior quilombo no nordeste goiano. Eles foram se organizando no território para superar os problemas e sobreviver às condições precárias em que se encontravam. Enquanto isso chegava mais gente no território e a população ia se tornando maior. Os casamentos eram realizados entre filhos de quilombolas com filhos de índios, que também foram escravizados. E com isso a comunidade ia crescendo dia a dia.

Moura (2001) observa que a parte mais importante e função social do quilombo era uma ruptura radical, em todos os níveis, com o sistema colonial escravista, com os seus representantes, sua economia e os seus valores raciais e ideológicos.

Em 1991, o território Kalunga foi oficialmente reconhecido, pelo governo do Estado de Goiás, como sítio Histórico que abriga o patrimônio cultural Kalunga (Lei complementar 11.409-91), sendo parte essencial do patrimônio histórico cultural brasileiro.

Este trabalho surgiu do desejo de registrar mitos e lendas da comunidade Diadema, tradição muito rica, mas que está se perdendo, especialmente porque essa tradição é parte dos saberes e da memória de pessoas mais idosas de Diadema. A motivação para a realização deste trabalho nasce do desejo de registrar esse conhecimento popular, para que as novas e futuras gerações possam ter acesso a esse conhecimento, que registra aspectos da história daquele povo. Além disso, a intenção é não deixar apagar o que existe de sábio e valioso e que é ainda guardado pelos mais velhos da comunidade. Neste trabalho foram registrados alguns mitos e lendas existentes na comunidade.

Outra motivação da pesquisa foi observar que na comunidade Diadema há uma perda dessa memória devido ao fluxo de saída dos jovens para a cidade, motivados pelas dificuldades encontradas no local, especialmente no acesso à educação. Os mais jovens que ficam não demonstram mais interesse por essa cultura ancestral de seu povo. Ainda assim, existe uma circulação desses saberes em uma parcela da comunidade que tem o domínio desse conhecimento. Esse grupo conhece os mitos e lendas porque ouviu seus avós e contam, ainda que a tradição de contar histórias não seja mais uma prática muito recorrente.

Essa pesquisa trata da identidade cultural do povo Kalunga, registrando mitos e lendas de Diadema. Traz como problemática: qual a importância dos mitos e

lendas compartilhados pela comunidade de Diadema? Como a Escola do Campo pode contribuir com a valorização desse conhecimento?

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa foi registrar histórias mitológicas da comunidade Diadema, resgatando o saber tradicional local e como a escola do campo pode contribuir com a valorização desses saberes. Os objetivos específicos são: compreender a importância dessas histórias contadas para a comunidade Kalunga Diadema; valorizar mitos e lendas compartilhados pela comunidade; identificar contribuições da Educação do Campo para a valorização dos saberes tradicionais.

Histórias dos nossos antepassados têm sido transmitidas de geração em geração, tornando-se marcas importantes para o conhecimento das futuras gerações. Os ancestrais dos Kalungas são pessoas que foram transportadas da África para o Brasil, na época em que havia tráfico de negros para o trabalho escravo. Neste aspecto, o povo Kalunga traz na memória tudo o que a descendência sofreu desde os antepassados até os dias de hoje. As histórias e memórias do povo Kalunga foram contadas de pai para filho ao longo dos anos, e devem ser transmitidas para as gerações futuras.

O relato de uma senhora da comunidade revela como os mitos e lendas circulavam: “Antes todo mundo juntava em uma casa para escutar os mais velhos contar histórias, mais hoje em dia esses novatos (novos) num quer saber de nada minha filha”.

Esta pesquisa tem o intuito de contribuir com a construção de um olhar reflexivo diante da realidade da comunidade Kalunga Diadema que, desde os antepassados, luta por um reconhecimento, por meio de uma valorização histórica que foi negada. Além disso, pretende-se apresentar os resultados da pesquisa nas escolas da comunidade, para que as pessoas percebam a importância desses conhecimentos para a comunidade e conheçam outros registros sobre mitos e lendas kalungas.

Assim, este trabalho está estruturado em três capítulos, além da introdução e conclusão. O primeiro trata da metodologia e de toda a trajetória da pesquisa, apresenta as entrevistas e os dados coletados. Quanto ao segundo, ele busca, a partir de diversos autores, apresentar o tema conhecimento tradicional, mitos e lendas. Dessa maneira, são apresentados estudos que investigam conhecimentos tradicionais e que podem levantar informações importantes sobre as interações e

percepções das populações locais sobre o ambiente e sua cultura. Já no terceiro, são abordadas as expectativas e os desafios encontrados em manter a tradição cultural por meio do trabalho na Escola do Campo.

CAPÍTULO 1

1.0 METODOLOGIA DA PESQUISA

Mediante este estudo, acreditamos ser necessário construirmos uma proposta com aquilo que é de real é de fundamental relevância, os mitos e lendas, pois eles fazem parte da vida e da cultura de um grupo, entre esses, do povo Kalunga de Diadema. Essa proposta deve considerar a abordagem qualitativa enquanto exercício de pesquisa, levando-nos a explorar novos enfoques.

A pesquisa sobre mitos e lendas na comunidade de Diadema tem uma abordagem qualitativa, partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos. Optou-se, nesta pesquisa, pela metodologia etnográfica, entendida não como uma questão de método, mas como uma maneira de compreender o que representa a análise antropológica, como forma de conhecimento, no sentido de um esforço intelectual, ou ainda, de uma “descrição densa”, no sentido de Geertz (1989). Auxiliando a etnografia, utilizamos os seguintes instrumentos de coletas de dados: entrevistas com moradores e com professores do 2º ano da rede municipal.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa apresenta caminhos, sob uma visão panorâmica de três tipos bastante conhecidos e utilizados de pesquisa qualitativa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Esta abordagem de estudo está relacionada com levantamento de dados sobre motivações de um grupo e em compreender e interpretar determinados comportamentos, opinião e expectativas dos indivíduos de uma população.

A estratégia de coleta dos dados se deu por meio de entrevistas com moradores da comunidade. Os mais velhos foram ouvidos e seus relatos sobre os

mitos e lendas foram registrados ao longo da pesquisa, por serem os detentores desse saber. Outras gerações da comunidade também foram ouvidas e foram registrados também mitos e lendas que ainda conhecem. Ao longo da pesquisa, foi identificada a circulação desse conhecimento entre essa geração, gerando a necessidade do registro daquilo que conhecia.

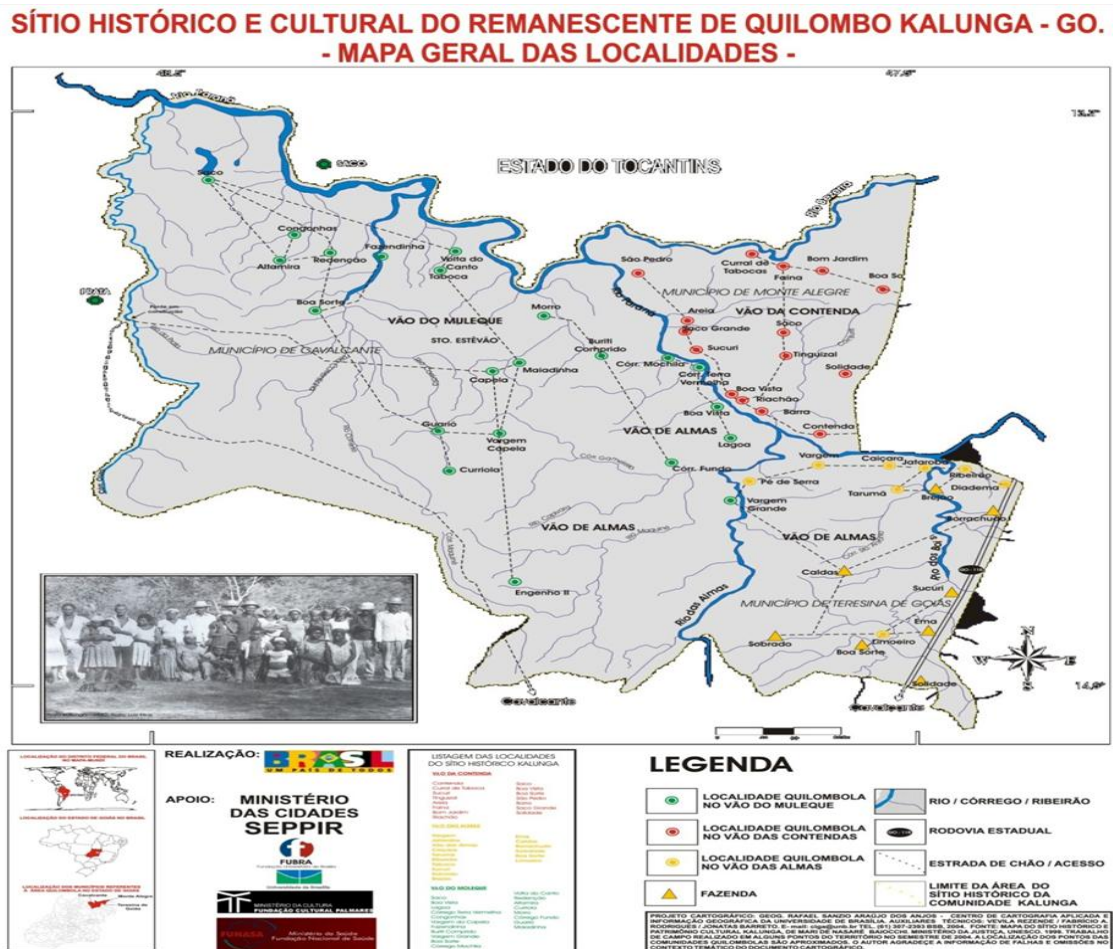
1.2 POPULAÇÃO

A população quilombola Kalunga é formada por aproximadamente 3.752 habitantes, segundo Almeida (2010). Em 1991, o território ocupado pelos quilombolas Kalungas foi reconhecido como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, pela Lei Complementar do Estado de Goiás número 11.409-91.

Estas comunidades quilombolas encontram-se entre os Vãos da Serra Geral, parte ocupada pelo vale do Rio Paranã e seus afluentes, às bordas da Chapada dos Veadeiros, na qual se encontra o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

A maioria dos Kalunga se autodenomina católica, mas, por manter certa autonomia em relação à Igreja, pode ser considerado um catolicismo independente, com práticas diferentes das exercidas na liturgia da igreja. São devotos de São Sebastião, Santo Antônio, Divino Espírito Santo, São José, Santo Reis, Nossa Senhora. Nas comunidades Diadema e Ribeirão existe uma pequena capela, onde as missas são realizadas, mensalmente, por um padre que se desloca da cidade até lá.

Figura 1 – Sítio Histórico e cultural do Remanescente de Quilombola Kalunga



Fonte: Araujo (1999)

1.3 AMOSTRAS

Sobre os entrevistados que tiveram os mitos e lendas registrados, são todos moradores de Diadema, entre 25 e 60 anos de idade (três mulheres e um homem). Não nasceram em Diadema, mas são todos quilombolas Kalunga e ouviam as histórias contadas por seus bisavós e avós. A facilidade de acesso a essas pessoas foi decisiva para a realização das entrevistas, mas, também, o grau de informação que detinham sobre os mitos e lendas da comunidade, ainda presentes em suas memórias. O mito e a lenda possuem vida própria, ele não precisa de uma validação por parte do intelecto, o que não faz com que ele deixe de ter o seu grau e validade entre os homens, principalmente entre o grupo de pessoas no qual nasceu

1.4 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Este trabalho tem como eixo central a análise de roteiro de entrevistas, aplicados aos moradores da comunidade. As informações colhidas com a pesquisa possibilitaram a realização deste trabalho. Utilizou-se como técnica para coleta de dados a observação participante, que contribuiu para a aquisição de dados precisos para a realização da pesquisa. Lakatos & Marconi (2010) esclarecem que a observação traz fatos fenomenais, além de apresentar determinadas informações nos aspectos intelectuais e sociais da realidade do cotidiano do indivíduo. Assim, o pesquisador passa a ter uma visão mais nítida do objeto. Muitos questionamentos esquematizados na estrutura de uma entrevista semiestruturada proporcionam ao pesquisador abarcar e coletar informações. Preciosas.

1.5 PROCEDIMENTOS PARA AS COLETAS DE DADOS

A escolha técnica ou procedimento está relacionado diretamente aos objetivos. Começamos pela revisão bibliográfica e, posteriormente, buscamos autores que trabalham as temáticas abordadas, tais como: Cascudo (1976; 1954; 1999); Cucho (1999); Baiocchi (2011); Eliade (2001), entre outros.

1.6 ANÁLISE DE DADOS

A partir deste momento, as análises dos dados formalizam-se em diálogos, o que permitiu identificar as contribuições dos mitos e lendas na cultura kalunga e ainda como instrumento de ensino aprendizagem no 2º ano no Ensino Fundamental. Neste ponto do trabalho, fizemos as análises e comparações de ideias presentes nos discursos de pessoas da comunidade, e das professoras, junto com os teóricos que fundamentaram esta pesquisa. As entrevistas, abaixo apresentadas, são de suma importância, pois os mitos apresentam como é possível a explicação ou interpretação da realidade e dos acontecimentos. Para quem vive o mito, ele é a única história verdadeira proposta numa linguagem.

A entrevistada I faz apontamentos sobre a necessidade do registro dos mitos e lendas para a população:

Entrevistado I: Nasceu na comunidade Vão de Almas (Cavalcante – GO), no ano de 1968. Solteira, mas tem oito filhos, sendo que quatro nasceram no hospital e quatro em casa, na comunidade, onde residia na época. É lavradora. Quando era criança não estudou porque a escola era muito distante e por ter que ajudar os seus pais na lavoura. A entrevistada está aprendendo escrever o seu nome, com a filha. Ela diz que, em outras épocas, seus pais e avós contavam histórias para ela. Contar histórias era parte da tradição de seu povo. Ela relata a importância do registro, e observa: “ainda mais que nós velho já estamos de meio dia para tarde. Aí, minha filha, você esta escrevendo para deixar escrito essas histórias, e bom que serve para aqueles que ainda vai nascer e ai eles vão ver as histórias que eu um dia contei, quando estava viva. Hoje, nós num conta mais essas histórias, porque contar pra quem, porque a hora que a gente tem pra contar é de noite, e aí de noite eles estão envolvidos com novela, e aí acabou que diminuiu a contação das histórias.

O entrevistado II, uma pessoa consideravelmente jovem, tem um rico acervo de contos, mitos e lendas, conforme constatamos na sua fala abaixo.

Entrevistado II: Nasceu em Cavalcante GO, em 1977. É casado e pai de quatro filhos, todos os filhos nasceram no hospital Municipal de Campos belos Goiás. Estudou até o quinto ano do Ensino Fundamental, somente quando veio para Brasília, ainda criança. Com 11 anos de idade, voltou novamente para a comunidade, onde mora até hoje. Tentou estudar novamente, porém, não conseguiu, pois tinha que trabalhar para sustentar a família. Hoje, trabalha na roça, é lavrador, mas faz diárias para quem precisa. Os mitos e lendas que sabe aprendeu com os pais, avós e bisavós, e com outras pessoas da comunidade.

Os mitos e lendas, por mais que os mais velhos tentam a cultura de contação de causos, tem se perdido. Sabe-se que a função do mito não é, primordialmente, explicar a realidade, mas acomodar e tranquilizar o homem em um mundo assustador, conforme relatam os entrevistados III e IV

Entrevistado III: Nasceu em Cavalcante – GO, no ano de 1989. É casada e mãe de quatro filhos. Todos nasceram no hospital. Mora na comunidade Diadema há 26 anos. A entrevistada estudou e permanece estudando, cursando o ensino superior na Universidade de Brasília, mas também é lavradora. Sempre trabalhou na roça, com a família. Ela diz que desde pequena aprendeu histórias com seus parentes. Segundo ela, a “contação” dos mitos e lendas diminuiu porque os mais novos não têm mais interesse de aprender e ouvir. Talvez por não saberem o verdadeiro sentido de ouvir contação de história dos mitos e lendas .

Entrevistado IV: Nasceu na comunidade Kalunga Vão de Almas (Cavalcante Goiás). Tem 55 anos de idade. É mãe de 8 filhos, porém vivos somente cinco. A entrevistada relatou que quando era criança não teve oportunidade de estudar, e que somente depois de algum tempo foi para a escola, mas só sabe mesmo assinar o nome. Ela deixou de ir na escola para trabalhar e cuidar dos irmãos e sobrinhos, enquanto os pais procuravam meios para a subsistência da família. É lavradora e sempre trabalhou na roça com seus pais e depois de casada permaneceu trabalhando na roça, com o esposo. Uma das histórias que ela sabe é a da moça que desprezava o urubu e o ofendia de carniceiro e fedorento, aprendeu a com os seus pais avós e outras pessoas. Nos dias de hoje não estão contando mais essas histórias porque os novatos (novos) não estão mais interessados nessas histórias eles acham sem graça, preferem fazer outras coisas.

Na primeira fase da pesquisa, iniciada em dezembro 2014, os mais velhos foram contatados e ouvidos. O registro de suas histórias foi realizado no primeiro semestre de 2015. Em agosto e setembro de 2015, segundo momento da pesquisa, foram realizadas entrevistas com outras pessoas da comunidade, entre elas as mais jovens.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro (ANEXO 2), cujas questões centrais estavam voltadas para compreender como percebem esse conhecimento. A importância dos mitos e lendas para a comunidade foi o foco

principal das entrevistas, bem como identificar como percebem as mudanças ocorridas na comunidade e os reflexos sobre esses saberes.

A metodologia da história oral foi fundamental no trabalho das entrevistas. Segundo NEVES (1999), quando se emprega a metodologia da história oral também se emprega um processo de lembrar e relembrar pelos sujeitos históricos, ou mesmo de testemunhas da história vivida por uma coletividade. Para a autora, os depoimentos coletados tendem a demonstrar que a memória pode ser identificada como processo de construção e reconstrução de lembranças nas condições do tempo presente. O ato de lembrar traz significações e possibilidades de múltipla afirmação ou reafirmação das identidades, construídas ao longo da história dos antepassados.

[...] a memória não é jamais o resgate integral do passado, mas sempre e apenas uma escolha e uma construção; [e] essas últimas operações não são determinadas pela matéria que advém da memória, mas muito mais pelos sujeitos que se recordam, em vista deste ou daquele objetivo. Se o resgate do passado pela memória não tem nada de prejudicial, algumas utilizações desta são muito mais nobres que outras; a memória pode servir à repetição ou à transformação, pode ter uma função conservadora ou emancipadora, o que não conduz à mesma coisa. Qualquer pessoa tem o direito de se lembrar como bem entender, é verdade; mas a comunidade valoriza certas utilizações da memória e reprova outras, e não saberá praticar um culto à memória indiferenciada (TODOROV, 1999, p. 124).

Nas memórias dos entrevistados, estão presentes os modos de vida, a relação com a natureza, formas de relacionamentos, e outros aspectos que revelam traços da história da comunidade.

Em outras palavras, são mitos e lendas (“causos”, como dizem os mais velhos) que retratam como viviam na comunidade. Foram registrados treze mitos e lendas, sendo que foram selecionados oito deles, pois eram mais representativos no atendimento dos objetivos da pesquisa.

CAPÍTULO 2

2.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Percorrendo o passado e os meandros da valorização da memória para a constituição da história e da identidade de um povo, podemos reportar às civilizações antigas para entender a origem da história atrelada aos mitos. O terreno sobre o qual a história inicia seu trabalho perscrutador será, assim, sistematizado pelo aspecto mítico, sendo os mitos fornecedores de respostas para todas as perguntas, esclarecedoras daquilo que no passado não pareceu compreensível. Ocorre que os relatos míticos, emergidos com a tradição, fundada em aspectos religiosos, em costumes muito antigos, há tempos, fornecem subsídio indispensável para se compreender o que caracteriza, dá forma e garante o funcionamento a uma sociedade.

O conhecimento tradicional, ou seja, aquele referente às populações tradicionais, quilombolas ou não, são registros ancestrais que têm a cultura e a história como elementos de referência.

Entre os quilombolas Kalunga, o conhecimento tradicional está na vida das comunidades e se relaciona com os traços marcantes de suas tradições e cultura, tais como: rezas, benzimentos, folias, danças, histórias, mitos, lendas, etc. Tudo aquilo que diz respeito à identidade cultural desse povo forma seu conhecimento tradicional. Assim, para Baiocchi (2011)

A identidade cultural não é somente entendida como forma de manifestações culturais, ela está mais além desta compreensão, portanto, ela é entendida como outra dimensão, porém ela está relacionada com a vida social, tratando-se de experiências produzidas no contexto cultural do meio em que vivemos. Os Quilombos constituem formas organizacionais onde o africano, em um processo extremos de afirmação, parte da “passividade” e “resignação”, tão decantadas, para posições de resistência contra o esfacelamento da sua identidade, de seu grupo (BAIOCCHI: p. 58).

A identidade é construída a partir do que vivenciamos. A História e a cultura são os elementos formadores da identidade. “A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social, assim, cultura diz

respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade” (BAIOCCHI 2011, p. 24)

A palavra cultura, para os moradores do campo, tem um significado importante, pois é entendida como tudo aquilo que representa o modo de vida. Através da cultura, as pessoas se manifestam e se relacionam. Portanto, a cultura é um conjunto de manifestações e permite uma tradução dos saberes.

"Mitos" e "logos" são dois tipos opostos de linguagem, duas formas de o espírito humano se manifestar. Enquanto "logos" é a "linguagem da demonstração", o "mito" é a "linguagem da imaginação", "da criação". Atualmente, entretanto, o mito já é encarado como um fenômeno que comunga do "logos". (CHAUÍ, 2011, p.187)

Uma definição clássica de mito é a de Jabouille (1994), que faz o seguinte apontamento:

Narrativa fabulosa de origem popular e não reflexiva, na qual os agentes impessoais, na maior parte dos casos as forças da Natureza, são representados sob a forma de seres personificados, cujas ações ou aventuras têm um sentido simbólico (JABOUILLE, 1994, p. 32).

Trata-se, portanto, de uma definição que considera o mito apenas como descrição de agentes e de fatos formulados no nível do imaginário, sem que sejam vivenciados na realidade.

Câmara Cascudo, estudioso do folclore, pesquisou a história dos mitos nacionais na obra Dicionário do Folclore Brasileiro, comprovando que tais criações são fruto da cultura. Cascudo especula, por exemplo, que o gorro vermelho do saci possa ser uma herança romana, enquanto sua personalidade gozadora e zombeteira, possivelmente, seja uma influência do folclore português.

Para Cascudo (1967), o folclore é tradição, e a tradição é a "ciência do povo". Numa das definições de folclore que formula, sintetiza a importância de seu estudo:

Todos os países do Mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o

FOLCLORE. Folk, povo, nação, família, parentalha. Lore, instrução, conhecimento na acepção da consciência individual do saber. Saber que sabe. Contemporaneidade, atualização imediatista do conhecimento. (CASCUDO, 1967, p.09)

As narrativas, lendas e mitos têm um papel muito importante; porque a lenda sistematiza e ordena realidades no ato de sua transmissão oral, envolve tanto o narrador como os ouvintes, que vivem num tempo e num espaço de reintegração dos acontecimentos da história. A lenda sempre relata um tempo fabuloso do início de uma determinada realidade, quando homem e natureza se confundem, numa relação de dependência no ato interpretativo da ocorrência de fenômenos naturais às ações dos deuses.

Se for comparado o conceito de lenda com o de mito, os dois se confundem. Eles têm uma relação: a lenda retrata o mito, numa narrativa interativa de quem conta com quem ouve, e os fatos relatados são tomados como verdade, dependendo do que está sendo narrado. Como temática cultural, a lenda atua na mediação do indivíduo e cultura de uma determinada região, estando nela estando combinados a fantasia, o sonho e elementos do real. Além de recuperar os modelos arquetípos, torna-se também um ato criativo que sistematiza poeticamente uma narrativa de nascimento, ou seja, uma narrativa de natureza mítica, de caráter exemplar e original e, portanto, sagrado. Mitos e lendas, portanto, são histórias que orientam a vida e possuem poder religioso de ser visto como eficaz; então, o mito é uma história sagrada retratada através de narrativas que relatam os feitos dos protagonistas do acontecimento primordial.

Cultura popular tem como essência o imaginário, que configura uma riqueza imprescindível. É nesse campo fértil que o imaginário popular atua, revelando sentimentos que desabrocham em lendas, mitos, contos, credices, superstições e em outras belezas que retratam a nossa cultura. Há de se considerar que as lendas são narrativas que enfeitam e caracterizam o lugar, acompanhadas de mistérios, assombrações e medo. Não se sabe ao certo como nasceram e foram criadas as lendas. Elas acompanham fatos e acontecimentos comuns, ilustradas por cenários exóticos e de curta extensão. Muitas vezes, são fatos verídicos acrescentados de novos dados ou até mesmo recriados, podendo ser muito confundida com os mitos (CUCHE, 1999, p. 177).

O que é considerado mito em uma cultura, pode ser lenda, ou conto, ou caso em outras culturas. Vale ressaltar que os portadores de folclore não estão preocupados em estabelecer esta diferenciação, muito embora demonstrem certa consciência em relação às características que têm sido levantadas pelos pesquisadores. Assim, no mito e na lenda há uma carga emocional da crença prevalecendo sobre a preocupação de natureza estética, onde entretenimento.. De acordo com Cascudo (1999):

As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conservam-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço (CASCUDO, 1999, p.69).

Com mais de dois séculos de histórias, o povo Kalunga foi construindo sua própria identidade. Elas estão presentes em tudo aquilo que faz parte do seu patrimônio Cultural. Fazem-se presentes em seus costumes e suas tradições, que os mais velhos preservam e transmitem para outras pessoas interessadas, por meio dos saberes. Essas histórias que eles contam falam dos seres da mata e de outros elementos presentes no cotidiano das pessoas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental da 1^o fase apresentam trechos interessantes sobre os mitos na sala de aula.

Histórias que falam da raposa e do coelho, da barata, do galo, do cachorro e da onça. Histórias do saci, chamado o pé só, mas que no Kalunga às vezes se confunde mesmo e com o capeta. Histórias que contam que ele gosta de dançar e tocar viola e vem tentar as pessoas na época em que isso é pecado. E as histórias que contam que ele protege os bichos dos caçadores e pode ser apanhado em arapuca, em dia de sexta-feira da paixão (BRASIL/MEC/SE, 2001 p. 41).

Esses conhecimentos, transmitidos de geração em geração entre os quilombolas Kalunga, quase não estão mais presentes entre os jovens. Assim, o ensino dos mitos e lendas nas Escolas do Campo é importante para que os jovens

fiquem sabendo da importância que têm esses saberes empíricos dos mitos e lendas para a comunidade Kalunga Diadema, no intuito de fazer um resgate cultural.

Estudar as lendas e mitos é um desafio muito interessante, pelo fato de que os imaginários das pessoas surgem para resgatar e criar argumentos esquecidos diante da contemporaneidade. Essa constante representação simbólica e o constante consenso entre a cultura popular e a cultura hegemônica refletem no imaginário do povo, transformando um fato histórico em lenda.

No trabalho da escola, o processo de contar, ler e ouvir as narrativas possibilita às gerações mais jovens a compreensão de que o tempo é primordial. Além disso, trazem para si, como realidades, fazendo viver, os acontecimentos que lhe foram narrados. Isso contribui para a formação da identidade do homem como e onde ele vive, e isso só é possível com a aceitação e identificação desse homem, com todos esses valores transmitidos e com o lugar onde vive.

Segundo as pessoas mais velhas da comunidade, deve-se considerar com relevância da memória que é a vivência do passado que está em constante evolução, aberta ao esquecimento e à lembrança. A memória é responsável por relembrar, no tempo presente, as sensações já vividas. Revive os fatos como se esses tivessem ocorridos no aqui, permitindo ao narrador se reencontrar no mundo, compreendendo-se novamente. De acordo com as ideias de Bosi, observamos que

Com os velhos é que se pode promover a continuidade da cultura e da educação da gente adulta do presente e dos pósteros, das gerações futuras, pois permitem, em sua experiência, reviver o que já passou como as histórias e tradições de um tempo ido, mas que permanecem, de alguma maneira, nos rastros de suas lembranças partilhadas, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias (BOSI, 2004, p. 74).

O mito deve ser considerado como um agente que une a sociedade, forja sua identidade própria, e cria um pensamento-modelo que conduz a um comportamento organizado. Os mitos presentes na comunidade são segmentos integrantes da sociedade, que, ao explicar fenômenos do universo, possuem o poder legitimador sobre o pensamento e sobre as tradições. Para o homem primitivo, é essencial conhecer os mitos por dois motivos: pela possibilidade de explicação do mundo, e pela forma como ele se insere no mundo. “O mito não é, em si mesmo, uma garantia

de bondade nem de moral. A sua função é revelar modelos e fornecer uma justificação do mundo e da existência humana” (ELIADE, 1986, p. 123).

CAPÍTULO 3

3.0 MITOS E LENDAS NA COMUNIDADE KALUNGA DIADEMA E A ESCOLA DO CAMPO

A comunidade Diadema é uma comunidade remanescente de escravos. Nela vivem os quilombolas Kalunga. A comunidade vem passando por algumas rupturas devido às mudanças no modo de vida tradicional das pessoas. O conhecimento tradicional dos mitos e lendas, bastante forte entre os mais velhos, ainda circula na comunidade, mas a tradição de contar essas “histórias” é cada vez mais rara.

O mito é o modo de ver, sentir e dimensionar a realidade, e como tal, faz parte do próprio processo de formação da identidade. É exatamente a esse respeito que este trabalho se propõe a fazer uma reflexão sobre os mitos e lendas da região, sua importância, validade e sua relação com a formação da identidade. De acordo com Hall (1999):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar (HALL, 1999, p. 13).

Os mitos e lendas aparecem no território Kalunga Diadema como uma cultura de ancestralidade dos povos mais velhos, que desde o processo de territorialização, divertiam-se na “contação” de histórias como uma tradição do povo. De caráter fantástico e/ou fictício, as lendas combinam fatos reais e históricos com fatos irrealis, que são meramente produto da imaginação humana. De uma forma geral, em todas as culturas, os mitos e as lendas surgem como formas que o homem encontrou para compreender e dar sentido aos fatos e eventos da vida e do mundo. Muitos mitos explicam a origem das coisas, como certos alimentos; práticas culturais, como a agricultura, e fenômenos naturais, como o trovão e os eclipses. O contato dos povos com comunidades próximas tornou algumas destas lendas conhecidas, de modo que foram absorvidas pela cultura regional brasileira. Os mitos aqui apresentados

foram coletados da própria comunidade. Veja abaixo alguns dos mitos mais conhecidos da cultura Kalunga de Diadema.

O macaco e a onça

Era uma vez, tinha um macaco que fez a onça de besta. Então a onça resolveu se vingar do macaco. Ela fez de tudo mais não conseguia pegar ele. Ela conversou com alguns amigos pedindo opinião de como pegaria o macaco, foi quando um deles teve a ideia de fazer uma festa. O macaco então perguntou ao coelho como faria para ir à festa da onça. Disse o coelho: “arruma mel, enrola todo corpo no mel e depois no barro”. A festa começou, as horas foram passando, o dia estava amanhecendo, e o barro começou a cair. O coelho percebeu e começou a cantar para avisar o macaco. A onça percebeu e mandou os guardas atirar no macaco, e um dos guardas era o tiú. Ele sacou a arma no macaco, e o macaco saltou lá fora, e aí o tiro pegou no sapo, que se achatou e até hoje está achatado.

A moça que estava pra casar

Era uma vez seu João e dona Maria que tinham uma filha. Um dia ela resolveu se casar. Um belo dia seu noivo chegou na sua casa, e então ela teve que ir para o rio buscar água pra fazer o café. Quando chegou ao rio, ela sentou e começou a pensar como seria sua vida de casada com filhos. Foi aí então que ela pensou: nossa, eu tenho nome, mamãe tem, papai tem, meu noivo tem e se nos tiver um filho, que nome que vou dar? A mãe, vendo que a sua filha estava demorando pra chegar, disse para o marido: “oh marido, eu estou indo lá no rio ver o que nossa filha teve, porque já faz hora que ela foi e nunca chegou”. Quando chegou lá, viu sua filha sentada e perguntou: “o que está fazendo, minha filha, aí sentada?” E ela respondeu: “estou aqui pensando mamãe, porque eu tenho nome, a senhora tem, papai tem, meu noivo tem, e se nos tiver um filho que nome que vou dar?”. Então, a mãe também sentou, e foi ajudar a pensar. O pai, vendo a demora das duas, resolveu ir atrás delas, no rio. Quando chegou lá, encontrou as duas sentadas, e ele perguntou: “O que

vocês estão fazendo aí sentadas? Por que esta demorando tanto? E vim ver o que esta acontecendo”. A sua filha respondeu: “papai, estava pensando aqui, por que nós tudo tem nome. Eu vou casar, e se eu tiver um filho, que nome que dá?”. Então, o seu pai sentou-se, também, para pensar. Então, o noivo vendo que todos foram e não voltaram, resolveu ir também pra ver o que estava acontecendo. Foi aí, então, que quando ele chegou lá viu todos os três sentados, e ele perguntou: “o que está acontecendo aqui? Por que vocês veio, mas nenhum voltou, eu já estava preocupado”. Então, a moça disse: “eu cheguei e pensei, mamãe chegou e pensou, papai chegou e pensou, agora você chegou, ajuda nós a pensar: se nos tiver um filho, que nome que dar?. O noivo disse: “quer saber de uma coisa, pensei que vocês era mais ladino, mas não, são uns bando de besta. Não quero mais casar, porque não quero filho tolo”.

Os dois compadres

Era uma vez dois compadres, um tinha condição e o outro não. Um dia o compadre pobre foi na casa do compadre rico para pedir alguma coisa de comer para os seus filhos, que estavam com fome. Um belo dia, o compadre foi pedir e o outro compadre lhe respondeu: “o senhor tem que trabalhar”; e outro compadre respondeu: “aqui, compadre, não tem serviço”; e o outro compadre disse: “procura, porque não tem como eu te ajudar mais não”; aí o compadre voltou para a sua casa, triste, e falou para a mulher: “Mulher, não tem como eu ficar aqui, arruma minha bolsa que eu vou sair à procura de um serviço”. Assim ele fez, e todos os filhos ficaram chorando, pedindo para o pai para não ir. Ele pegou a bolsa, colocou nas costas, e disse: “mulher, estou indo, cuida bem dos meus filhos”. Viajou, viajou, durante muito tempo, e chegou na casa de um morador. E o morador perguntou: “Pra onde vai meu filho?”. Ele disse: “vou caçar serviço, meu senhor”. Homem: “mas já está bem tarde meu filho, você num quer posar aqui não e deixar essa viagem pra amanhã cedo?” O viajante disse: “não senhor, vou seguir a caminhada até arranjar um serviço”. E o morador respondeu: “vai com Deus, toma cuidado com a mata fechada que tem aí na frente”. Quando ele chegou no pé de uma

árvore, bem alta, subiu bem pra cima, e ficou pensando nos seus filhos que ficaram pra trás, chorando, porque seu compadre tinha falado que não ia mais ajudar. De repente, ele ouviu um barulho. Chegou duas feras perigosa, elas falavam: “na cidade de Europeu não tinha água e nem fogo, se eu riscasse esse ferro era água e fogo pra tudo quanto era lugar”. De repente, as feras saíram e esqueceu o ferro e ele desceu rapidinho, pegou o ferro e caminhou, caminhou, caminhou, até chegou na cidade. E, quando chegou na cidade, o povo falou: “meu amigo, aqui você num come por que não tem fogo”. Ele respondeu: “se você me prometer que vai me ajudar, eu vou por fogo na água”. Reuniu a toda a vizinhança, e o povo falou: “se você colocar água e fogo, nós vamos repartir o nosso recurso com você”. Assim, eles concordaram, e ele riscou o ferro e pôs fogo. O povo deu gado, cavalos e muitas coisas de mantimento, e aí ele voltou para casa com um bocado de recurso. Quando estava chegando em casa, o menino ouviu a voz do pai e falou: “mamãe, papai já vem”; e a mãe falou: “larga de ser besta, meu filho, seu pai saiu e nem sabe se vai voltar mais”. A mulher ouviu a voz do marido raiando de longe, e falou: “uai meu filho, parece que é teu pai mesmo, e o menino se alegrou”. O pai dele chegou fazendo cural, chiqueiro, fazendo cerca para os animais. Depois de tudo pronto, veio o compadre: “Aonde o senhor conseguiu este recurso assim?”. O compadre contou a história para ele. E o compadre voltou para casa e falou para a mulher arrumar sua bolsa que ele ia sair por aí, porque o compadre dele até esses dias num tinha nada e agora tem mais recurso que ele. “Eu vou pra mim ganhar mais”, e a mulher disse: “marido, não vai não, o que nós tem da pra nós viver”. E ele disse: “não, arrume meus trem que já estou saindo, e ele pegou a bolsa e foi; andou, andou, andou, e chegou na casa de um morador, e aí o morador disse: “pra onde vai meu filho? E ele disse: “vou por aí caçar serviço”, e o morador disse: “já está tarde, meu filho, porque você não dorme?. E ele respondeu: “não, vou andar mais um bocado”. Então ele andou, andou até chegar na mata fechada, e avistou o pau que o seu compadre tinha subido e subiu também, e logo escureceu. As feras chegaram e conversavam se dizia: “na cidade de Europeu não tinha água e nem fogo, agora já tem. Parece que aquele dia que nós estava falando, tinha alguém

aqui escutando o que nós estava falando, porque esquecemos o ferro aqui, e alguém apanhou e conseguiu botar água e fogo na cidade de Europeu. Nós vamos acender um fogo aqui bem alto para ver se tem alguém de olho gente. E aí acenderam o fogo, e enxergou o homem lá em cima, e a fera disse: “era você mesmo que estava ouvindo a nossa conversa aquele dia?” O homem, já chorando, disse: “não foi eu não”. E a fera dizia: “desce, vamos te mostrar não ficar escutando a conversa alheia”... e aí as feras comeram o compadre.

Amiga onça e amiga raposa

Era uma vez duas amigas inseparáveis, a amiga onça e a amiga raposa. Um dia, as duas acabaram se estranhando e brigaram feio. Alguns dias depois ficaram sabendo que haveria uma grande festa na casa do amigo leão. A amiga raposa, quando ficou sabendo desta festa, contou a sua briga para o amigo leão. Então, a raposa e o leão fizeram um combinado para a bicharada rir da amiga onça. O leão disse: “Dona onça pensa que é esperta, vamos mostrar para ela que não é”. A raposa respondeu: “combinado!” O Leão perguntou, e como e que você vai fazer amiga raposa? A raposa explicou o plano. E o leão disse: “então está bom!”. Chegou o dia da festa. A onça queria muito ir; ela também tinha feito um combinado que ela levaria a amiga raposa. Ela resolve ir na casa da amiga raposa para fazer as pazes. A amiga raposa, quando a viu, correu para o quarto e deitou-se em sua cama fingindo que estava doente. A amiga onça chegou e perguntou: “Dona raposa posso entrar?” Raposa respondeu: “entra, o que você quer?” Onça: “eu vim fazer as pazes com você”. Raposa: “é mesmo?” Onça: “é mesmo”. Raposa: “está bem, eu aceito suas desculpas” Onça: “amigas de novo”. Raposa: “de novo”. Onça: “fiquei sabendo que vai ter uma festa na casa do leão, vamos lá?” Raposa: “não, vou não”. Onça: “por quê?” Raposa: “estou doente e não quero caminhar”. Onça: “vamos amiga, se até a hora de nós ir, você ainda tiver doente... eu te levo nas costas”. Raposa: “vou ver... se eu melhorar um pouquinho...” A onça foi embora, e quando foi de tarde a onça chegou e disse: “É ai amiga raposa já melhorou?” Raposa disse: “não, parece que

estou pior; acho que não vai dar pra ir com você na festa. Depois que você me chamou, deu vontade de ir, mas pra mim ir tá ruim, se pelo menos tivesse algum animal pra mim ir montada, mas não tem”. A onça disse: “Então vamos, eu te levo; você monta em mim”. Então a raposa montou e foi. Chegando perto, a onça disse: e aí amiga raposa, daqui você dá conta de ir andando?” E a amiga raposa disse: “ainda não, anda mais um pouquinho”. “E agora amiga raposa?, disse a onça. “Ainda não... anda mais um pouquinho”. Quando estava bem perto, a amiga raposa meteu a espora na barriga da onça e a onça saiu correndo até chegar na festa. Ao chegar na festa, a amiga raposa disse: “eu não falei que viria pra festa montado na amiga onça”. Então ela desceu, e a amiga onça correu atrás dela, e até hoje nunca tinha conseguido pegar.

O jabuti que foi buscar a parteira

Era uma vez, havia uma jabuti que engravidou, e aí chegou o dia de ganhar o menino. Então, ela mandou o marido jabuti ir atrás da parteira pra ela, mas, como o jabuti é muito ligeiro, quando ele chegou, a moça que ele tinha indo buscar a parteira já estava era casando.

Leva urubu pra sua casa

Era uma vez, havia uma moça que morava na beira do rio. Um dia, o urubu passou por lá e a viu e se encantou com ela. Ele parou e ficou olhando para ela, mas ela não gostou, chamou ele de carnimento, catinguento e fedorento. Um dia, ela estava na beira do rio e aí apareceu uma fera para pegar ela, e ai ela subiu em cima do pé de pau bem alta, e ficou lá de olho. E a fera estava embaixo, roendo o pé do pau, para derrubar para poder pegar ela. Quando ela avistou o urubu, começou a gritar e cantar: “me leva urubu pra sua casa urubu, pra sua casa urubu, pra sua casa”. O urubu respondeu: “eu não, sou carnimento, catinguento e fedorento”. E a fera continuava cortando o pau. E a moça, desesperada, cada vez mais cantava: “me leva urubu pra sua casa, urubu pra sua casa?” O urubu respondeu: “eu não, sou carnimento, catinguento e

fedorento”. E a fera continuava cortando o pau. E o pau já estava quase caindo, aí a moça cantou de novo: “me leva urubu pra sua casa urubu, pra sua casa urubu pra sua casa”. Quando o urubu viu o pau caindo veio e perguntou: “e agora, você aceita casar com esse catinguento fedorento?” A moça disse: “eu aceito”. Então, o urubu pegou ela, colocou em suas asas e a levou. Nesse dia houve uma grande festa.

A sereia e o saci

Era uma vez, um saci que não gostava muito de pessoas, por ter duas pernas, e um certo dia a sua mãe estava contando uma história para ele sobre a sereia. E ele se irritava, porque não acreditava no que a sua mãe dizia. Com o passar do tempo, ele foi pra beira do rio, e lá estava a sereia, em cima da pedra, penteando os cabelos, com o pente de ouro. Mas, ele logo pensou na historia que sua mãe tinha contado. Então, ele percebeu que estava ficando fraco e desmaiou, e aí, quando ele abriu os olhos, a sereia já tinha desaparecido. No outro dia, na mesma hora, o saci foi naquele mesmo lugar, e lá estava, outra vez, a sereia. Quando a sereia estava penteando e olhando no espelho ela viu o saci, então ela começou a cantar, e o saci amoleceu [desmaiou], e aí, quando ele acordou, já estava sobre o efeito do feitiço dela, e aí ele foi com ela para o fundo do mar.

Não corta meu cabelo que aqui mamãe enterrou

Era uma vez, tinha uma mulher que tinha uma filha, porém ela era mãe solteira Então, para que os seus pais não descobrisse, ela enterrou a própria filha em uma torceria de capim. Um belo dia, seu pai contratou um trabalhador para trabalhar roçando no pasto. E aí ele foi roçando, e aí ele ouviu uma cantiga dizendo: ‘não corte meu cabelo, porque aqui mamãe me enterrou’. Então, o homem continuou a bater no capim, até encontrar a torceria que estava falando. Então, ele cavou no chão e tirou dali de

dentro uma linda menina. A menina tinha um lindo cabelo, e ela era encantada.

3.1. ESCOLA DO CAMPO E O TRABALHO COM MITOS E LENDAS: ALGUNS APONTAMENTOS

Trabalhar mitos e lendas nas escolas do campo é necessário, pois faz parte da cultura do povo kalunga, e da sua formação enquanto povo. Os mitos e lendas são apresentados como uma tentativa de explicar a realidade, como resposta e explicação da origem do mundo, o que é reproduzido através “causos” contados pelas pessoas idosas e jovens da região.

Assim, as Escolas do Campo têm um papel importante, pois o mito e a lenda são apresentados como explicação para o real e como imaginário. Este trabalho ajuda na compreensão da identidade, principalmente, quando se trata da cultura. De acordo com Lima (2003), a lenda é uma narrativa mítica, detentora de uma especificidade cultural, que carrega elementos socioculturais presentes na vida das pessoas. A lenda garante a sistematização e a ordenação da realidade. Sua transmissão oral, ou mesmo em forma de registro escrito, embora tanto o narrador como os ouvintes/leitores e todos vivem num tempo, num espaço, é a reintegração dos acontecimentos da história.

A Educação do Campo tem sido uma grande conquista para os moradores da zona rural. Na comunidade de Diadema tudo mudou a partir do momento em que pessoas da comunidade se graduaram na Educação do Campo e com isso passaram a envolver a comunidade escolar e local, pois a grande maioria ainda não se sentia capaz ou mesmo responsável por esse processo, no qual foram conscientizados sobre a grande importância, na participação da educação dos seus filhos. Ouvimos os anseios dos pais, alunos, funcionários professores, equipe administrativa e comunidade local através de entrevistas, reuniões objetivando a melhoria da qualidade dos serviços prestados à comunidade, com base na realidade escolar. Com isso, a dimensão humana da educação vai se explicitando e dando *corpus* à natureza política e pedagógica da escola.

Alguns fatos mais recentes ilustram estas conquistas com o trabalho da educação do campo e com uma escola mais comprometida com a realidade da comunidade.

E, neste ponto, o que está em jogo é definir, em primeiro lugar, aquilo no qual se pretende ser incluído, respeitando-se a diversidade e acolhendo as diferenças sem transformá-las em desigualdades. A discussão da temática tem a ver, neste particular, com a cidadania e a democracia, no âmbito de um projeto de desenvolvimento em que as pessoas se inscrevem como sujeitos de direito. Assim, a decisão de propor diretrizes operacionais para a educação básica do campo supõe em primeiro lugar a identificação de um modo próprio de vida social e de utilização do espaço, delimitando o que é rural e urbano sem perder de vista o nacional (CNE/CEB, 2001, p. 18).

O que se pretende é a integração escola/campo a princípios de um novo fazer pedagógico que envolva os educadores e educandos com as experiências cotidianas vividas em seu contexto de origem, seus valores e sua realidade.

Apesar das conquistas legais para a Educação do Campo, percebe-se ainda a falta de compromisso por parte de alguns governantes com essa realidade. Sabe-se, porém, que o compromisso com a educação não tem apenas um fator determinante, mas é um problema político, social e econômico.

De acordo com o Dicionário da Educação do campo, a Educação Básica do Campo, em meio à luta política pelos direitos humanos nas áreas rurais do Brasil (sertões, interior, campo, rincões), diante da diversidade de projetos, há que se buscar elementos, eventos, processos e movimentos que contribuam para a constituição dessa realidade. Xavier (2006) provoca a reflexão propondo algumas perguntas essenciais para este tema: existem especificidades na Educação do Campo? Qual a relação da Educação do Campo com os movimentos sociais? Quais os desafios a serem enfrentados na implantação da Educação do Campo? Qual a relação entre a Educação do Campo e a educação popular?

As perguntas que Xavier elabora, ao lado dos estudos de outros autores – como Arroyo e Molina (1999) e Arroyo et al. (2004) –, compõem uma reflexão que vem sendo produzida, desde o final dos anos 1990, sobre a práxis dos sujeitos e atores do campo. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, por meio da resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, da Câmara de Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação, (CNE/CEB) (Brasil, 2010) e do decreto presidencial nº 7.326/2010, que institucionalizou o Prometa como ferramenta de implantação de políticas de Educação do Campo. Outro fato importante foi a Lei nº 11.947, de junho de 2009, que determinou a compra, por parte dos poderes

públicos, de no mínimo 30% da merenda escolar diretamente dos agricultores familiares, fato que pode potencializar mudanças para esse setor de produção.

Na prática, neste início de século XXI, nos movimentos e organizações sociais e na academia científica, a Educação no e do Campo está se contrapondo ao modelo urbano e tecnocrata de educação, pois o modelo atual só prepara os cidadãos para o trabalho, sem se preocupar com a cidadania, habitação, relações sociais, cultura e formação étnico-social. Neste sentido, Pinheiro (2011) afirma que

[...] a educação do campo tem se caracterizado como um espaço de precariedade por descasos, especialmente pela ausência de políticas públicas para as populações que lá residem. Essa situação tem repercutido nesta realidade social, na ausência de estradas apropriadas para escoamento da produção; na falta de atendimento adequado à saúde; na falta de assistência técnica; no não acesso à educação básica e superior de qualidade, entre outros [...]

Na luta para resgatar e construir uma identidade do homem e da mulher do campo, mudanças culturais e comportamentais fazem-se necessárias. A Educação do/no Campo enquanto fundamento histórico recria o conceito de camponês, utilizando o “campo” como símbolo significativo, referindo-se assim, ao conjunto de trabalhadores que habita no campo.

Miguel Arroyo, em palestra sobre Educação do Campo, em julho de 1998, fez os seguintes questionamentos:

[...] como a escola vai trabalhar a memória, explorar a memória coletiva, recuperar o que há de mais identitários na memória coletiva? Como a escola vai trabalhar a identidade do homem e da mulher do campo? Ela vai reproduzir os estereótipos da cidade sobre a mulher e o homem rural? Aquela visão de jeca, aquela visão que o livro didático e as escolas urbanas reproduzem quando celebram as festas juninas? É esta a visão? Ou a escola vai recuperar uma visão positiva, digna, realista, dar outra imagem do campo? (ARROYO, 2011, p. 16).

Então, mediante a pesquisa feita, na comunidade Diadema observa-se que os educadores poderão fazer um trabalho relevante com os alunos no intuito de melhorar as suas posturas, propiciando um resgate cultural, com um resgate de memória e valorização do lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou a compreensão sobre a importância do resgate cultural de um povo e da consonância da Educação do Campo com essa ação. É importante e necessária a participação de sujeitos sociais na luta pela efetivação dos direitos outorgados aos excluídos. Reivindicações e efetivação de qualquer demanda, seja ela educacional, de demarcação de território, de geração de renda, saúde, entre outras, devem fomentar e contar com a participação dos sujeitos envolvidos na causa, ou seja, dos próprios quilombolas. Cabe a nós, junto com as demais instâncias da sociedade, agir para que seja cumprida a Constituição Federal e as pessoas tenham a garantia dos seus direitos.

Fazer história é “contar aquilo que aconteceu”. Esta é a ideia dominante acerca da missão da história e da sua principal vocação. Fazer história é contar uma história, perpetuando no tempo e na memória, individual e/ou coletiva, os homens que viveram antes do instante que se narra e os seus feitos. Por isso, considera-se que a história deriva da narrativa, não se definindo por um objeto de estudo, mas por um tipo de discurso.

Na verdade, esta concepção da história enquanto narrativa tem sido um dos temas que mais tem feito escorrer entre os historiadores e mais controvérsia tem gerado. Os valores que encontramos nos mitos históricos adaptam-se e combinam-se, estabelecendo uma relação direta com as circunstâncias da própria história, pois, os mitos expressam, sobretudo, a identidade cultural de uma comunidade. À medida que possuímos a capacidade de matá-los, ressuscitá-los e conservá-los, enquanto agente no tempo, a nossa memória conserva o passado e cinge o futuro.

Atualmente, também, é comum utilizar-se o conceito de mito para designar ícones da cultura de massas, sejam personalidades desportivas, da música, do cinema ou da política. Esta polissemia do mito não pode ser ignorada, pois incorpora, em si mesma, um certo preconceito ou visão pejorativa do próprio conceito, bastante enraizado nas sociedades contemporâneas e que pode contaminar, de forma comprometedora, a sua utilização no processo de construção do conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Rafael Sânzio Araújo (pesq.); CIPRIANO, André (fot.). **Quilombolas. Tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Anori Comunicação, 2006.

ARAÚJO, Rafael Sânzio. Projeto Cartográfico – Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográficas da Universidade de Brasília. Fonte: BAIOCCHI, Mari de Nazaré, Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Brasília: Ministério da Justiça, Unesco 1999.

ARROYO, Miguel Gonzalez e FERNANDES, Bernardo Marçano. **A educação básica e o movimento social do campo – por uma educação básica do campo**. Brasília: MST - Coordenação da Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 2011.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. (org.) **Kalunga: histórias e adivinhações**. Goiânia GO: Gráfica e Editora Vieira, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRASIL. Programa Brasil Quilombola. 2008-2011. Disponível em: <http://manualdefundospublicos2009.blogspot.com/2010/06/programa-brasil-quilombolaexecucao-em.html>. Acesso em 12/07/2010

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2011, p. 187- 188.

CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru. EDUSC. 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9 ed. Brasília: J. Olympio, INL, 1976. p. 348.

DOURADO, Martha Fellows. **Política pública e construção participativa: análise da política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais**. Planaltina DF: UnB, 2012. (Monografia).

ELIADE, Mircea. O tempo sagrado e os mitos. In: **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

Relatório Antropológico do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária INCRA. Disponível no Órgão. Acesso em 25/11/2007. Instituto de Desenvolvimento Rural do Tocantins.

MOURA, Glória (coord.). **Uma história do povo Kalunga**. Brasília DF: MEC, Secretaria. ano

OLIVEIRA, Vanessa de. **Quilombos Contemporâneos: a memória e o consumo midiático na formação da identidade negra**. Cidade e editora, 2008.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. ano Disponível em: . Acesso em: 30 maio 2011

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. **Uma concepção multicultural dos direitos humanos**. Lua Nova. Revista de Cultura e Política. Brasil. CEDEC, 1997.

SARAIVA, Regina Coelly F. **Histórias, Memória e identidade**. Brasília. Faculdade UNB Planaltina, 2010 (texto não publicado).

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.

APÊNDICE I

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM A COMUNIDADE DE DIADEMA

Data da entrevista.

1. Dados pessoais do (a) entrevistado(a):

- A) Qual seu nome completo?
- B) Onde nasceu (local de nascimento)? Nasceu no campo ou na cidade?
- C) Quantos anos têm?
- D) Em que data? Data de nascimento completa (dia/mês/ano)
- E) Qual seu estado civil?
- F) Quantos filhos têm? Onde nasceram?
- G) O Sr./Sra. teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de instrução?
- H) Qual sua profissão? Com o que trabalhou ao longo de sua vida?

2. Quais são as histórias que o(a) senhor(a) conhece?

3. Como esse conhecimento sobre as histórias foi adquirido?

4. Qual a importância desses saberes para comunidade Diadema?

5. Você acha que atualmente o uso das histórias metodológicas diminuiu? Por quê?

6. O que está levando a perda desses saberes das Histórias na comunidade Diadema?